

OS RISCOS DO ABUSO MEDICAMENTOSO DOS ANALGÉSICOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

THE RISKS OF DRUG ABUSE OF ANALGESICS: AN INTEGRATIVE REVIEW

SILVA, Carlos Francisco Sena da¹; BRITO, Emily Soane Pereira²; LOPES, Keila Brandão³;
MELO, Tatiely Borges de⁴; SILVA, Wilian Pereira da⁵; ARAÚJO, Danielle Silva⁶

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é identificar os riscos do uso excessivo de analgésicos e os fatores relacionados que induzem à prática da automedicação, já que o uso irracional de medicamentos é uma prática comum entre a população. Entre os principais fármacos envolvidos nesse processo, destaca-se o analgésico, comumente utilizado no alívio da dor. No entanto, essa conduta pode acarretar diversas consequências à saúde. Para isso, realizou-se uma revisão integrativa da literatura, a partir da busca de artigos científicos nas bases de dados SciELO e PubMed. Após a seleção dos descritores em ciências da saúde e identificação dos artigos a partir dos critérios de inclusão, selecionou-se um total de 7 artigos dentro da temática abordada. Os principais riscos identificados com o uso indiscriminado de analgésicos foram as alterações no trato gastrointestinal, efeitos tóxicos, ganho de peso e negligenciar patologias que tem a dor como sintoma. Dores de cabeça, musculares, febre e cólica são os maiores desencadeadores da automedicação. As consequências dessa prática demonstram que é necessário a tomada de ação para tentar minimizar seus efeitos sobre a saúde em geral e, principalmente, reforçar a importância do profissional farmacêutico nesse contexto.

Palavras-chave: Analgésicos. Automedicação. Farmacêutico. Dor muscular. Prostaglandinas.

ABSTRACT

The aim of the present study was to identify the risks of excessive use of analgesics and the related factors that induce the practice of self-medication. The irrational use of drugs is a common practice among the population. Among the main drugs involved in this process, analgesics stand out, commonly used to relieve pain. However, this conduct can lead to several health consequences. For this, an integrative literature review was carried out, based on the search for scientific articles in the SciELO and PubMed databases. After selecting the descriptors in health sciences and identifying the articles based on the inclusion criteria, a total of 7 articles were selected within the theme addressed. The main risks identified with the indiscriminate use of analgesics were: changes in the gastrointestinal tract, toxic effects and weight gain and neglecting pathologies that have pain as a symptom. Some elements that trigger self-medication identified were: headaches, muscle pain, fever and colic. The consequences of this practice demonstrate that it is necessary to take action to try to minimize its effects on health in general and, above all, reinforce the importance of the pharmaceutical professional in this context.

Keywords: Analgesic. Self-medication. Pharmaceutical. Muscle pain. Prostaglandins1.

¹Graduando no Curso de Farmácia da Faculdade Unida de Campinas – FacUnicamps. E-mail: carlosfsena@gmail.com

²Graduanda do Curso de Farmácia da Faculdade Unida de Campinas – FacUnicamps. E-mail: emillysoane2009@hotmail.com

³Graduanda do Curso de Farmácia da Faculdade Unida de Campinas – FacUnicamps. E-mail: keilabrandao30@gmail.com

⁴Graduanda do Curso de Farmácia da Faculdade Unida de Campinas – FacUnicamps. E-mail: tatiely_borges@hotmail.com

⁵Graduando do Curso do Farmácia da Faculdade Unida de Campinas – FacUnicamps. E-mail: wiliansilvasilva2121@gmail.com

⁶ Doutora em Patologia Molecular pela Universidade de Brasília – UnB e professora da Faculdade Unida de Campinas – FacUnicamps. E-mail: danielle.araujo@facunicamps.edu.br

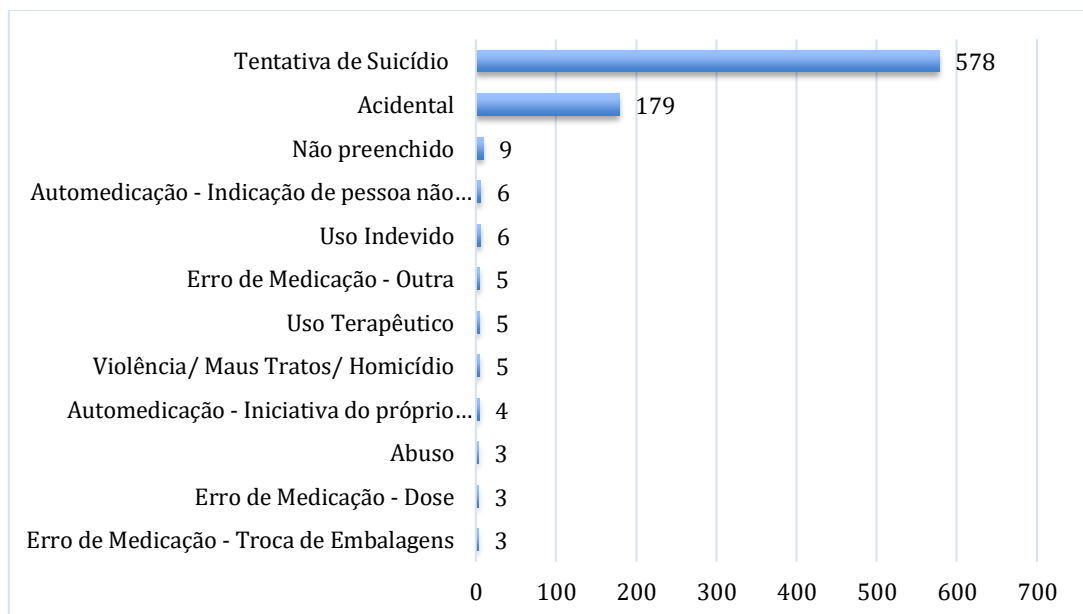
1. INTRODUÇÃO

Medicamentos são substâncias capazes de prevenir, tratar ou curar uma doença, dentre os vários medicamentos encontrados à venda existe uma classe que se destaca: o analgésico, de acordo com Ruiz (2010). Os analgésicos são classificados em não opioides, anti-inflamatórios não esteroides (AINE⁷) e os opioides e todos são moderadores da dor. O AINE é uma das classes mais utilizadas e o seu mecanismo de ação consiste na inibição da síntese das prostaglandinas. As isoenzimas ciclo-oxigenase de tipo 1 e tipo 2 geram a redução da primeira fase da biossíntese das prostaglandinas gerando a sensibilização das terminações nervosas, atuando nas dores e inflamações, conforme apontam Flores, Castro e Nascimento (2012).

Considerando a relação entre o uso irracional de medicamentos e o agravamento de doenças, podemos entender os dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. No Brasil, em 2015 foram registrados 28.778 casos de intoxicação por medicamentos, deste total, 998 (3,47%) se referem à automedicação. (SINITOX, 2015).

Conforme a figura 1, segundo a Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, no ano de 2022 foram notificados ao CiaTox-Go, 806 casos de intoxicação por medicamentos, sendo que deste total, foram considerados diversas as circunstâncias que justificam seu uso inadequado.

Figura 1. Circunstância de Intoxicação por Medicamentos - 2022



Fonte: CiaTox-Go, 2022.

⁷ Anti-inflamatório não esteroide.

A falta de informação e a dificuldade de acesso ao sistema de saúde público, impulsionam o uso excessivo e sem o cuidado necessário dos analgésicos, segundo Alghanim *et. al.* (2011). Apesar de parecerem inofensivos, os analgésicos podem representar um grande perigo à saúde de quem faz uso dele sem a orientação de um profissional capacitado, como disse Montastruc *et. al.* (2016).

Alguns fármacos destacam-se por serem de baixo custo e pela facilidade de aquisição, entre eles podemos citar a dipirona, o paracetamol e o ibuprofeno considerados medicamentos isentos de prescrições (MIPS), por isso têm sua comercialização facilitada e, muitas vezes, sua compra é estimulada por propagandas midiáticas, conforme apontam Schweim e Ullmann (2015). No Brasil, a automedicação vem se tornando prevalente e o grande número de farmácias e drogarias contribuem para esse aumento, especialmente em áreas com poucos centros de saúde ou hospitais, de acordo com Mazutti *et. al.* (2013). O papel do farmacêutico é a chave da transformação desse cenário, já que ele é o profissional capacitado para orientar as pessoas a encontrar soluções para seus problemas de saúde, em consonância com Moysés *et. al.* (2022).

Na tentativa de não sentir dor, recorrer à um analgésico é algo comum, mas é preciso tomar cuidado, pois além de atenuar a dor, eles podem provocar efeitos indesejados como intoxicações e reações adversas. Além disso, algumas marcas são comercializadas dando destaque ao nome fantasia e não ao princípio ativo. Esta prática estimula a população a procurar um medicamento sem saber o que ele realmente é, por exemplo, a dipirona ou paracetamol, em consonância com Paim *et. al.* (2016).

Tal conduta é perigosa pois, as reações adversas causadas pela dipirona, podem desencadear sérios problemas de saúde como reações alérgicas, intoxicação, dependência e resistência ao princípio ativo do medicamento. Outro risco é a dosagem excessiva, pois no anseio de melhorar a dor, algumas pessoas podem fazer uso de duas marcas de medicamentos com a mesma composição alertam Biskupiak *et. al.* (2006). Além do mais, o uso abusivo de AINE pode desencadear complicações gastrointestinais e cardiovasculares, a depender da dosagem e posologia, em idosos o uso simultâneo com outros medicamentos e sem indicação são contraindicados, como aponta Rueda-Sánchez (2013).

Diante desses fatos, torna-se importante discutir sobre a automedicação de analgésicos como um problema de saúde pública, uma vez que o seu uso pode levar a diversas consequências. Portanto, o objetivo do presente trabalho foi identificar os riscos do uso excessivo de analgésicos e seus fatores associados à automedicação.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Medicamentos e Automedicação

Para Pignarre (1999), os medicamentos são substâncias que têm como objetivo tratar doenças específicas ou aliviar sintomas em indivíduos de qualquer faixa etária. Essas substâncias são constantemente utilizadas pela população e cujo uso pode ser influenciado por diversos fatores como o constante crescimento de doenças crônicas no mundo, o surgimento de doenças transmissíveis e pandemias, doenças decorrentes da poluição ambiental e, no Brasil, o crescente investimento financeiro feito pelo governo brasileiro para garantir o acesso aos serviços de saúde para todos, em consonância com Leite, Vieira e Veber (2008).

A falta de controle e o uso excessivo de medicamentos podem levar a consequências alarmantes como a automedicação, de acordo com Limaye *et. al.* (2017). A automedicação é o ato de usar medicamentos sem prescrição do médico ou por meio de indicação familiar, vizinhos e amigos ou sem avaliação clínica ou diagnóstica de um profissional habilitado como o farmacêutico (BRASIL, 2001).

No Brasil, a superlotação das instituições de saúde e a demora no atendimento, levam a população a recorrer a receitas indicadas por vizinhos, amigos e familiares ou busquem aconselhamento com o atendente da farmácia sem a supervisão do farmacêutico. Na raiz do problema também estão a divulgação frequente dos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) pelos meios de comunicação que incentivam o uso irracional de medicamentos e a compra de medicamentos tarjados que exigem prescrição médica, mas são vendidos sem exigência de receita e usados para aliviar os sintomas, mas não tratar a causa subjacente da doença, como está posto em Delgado e Vriesmann (2018).

Dentre os medicamentos utilizados pela população, destaca-se os analgésicos, os quais os mais consumidos são a Dipirona, Paracetamol, Ibuprofeno e Ácido Acetilsalicílico. Os AINES também fazem parte da classe dos analgésicos e são, na sua maioria, rotulados na caixa sob os dizeres de venda sob prescrição, porém também são adquiridos com grande facilidade e consumidos de forma inadequada, aumentando o risco do agravamento dos sintomas que são dessa maneira mascarados e tratados de forma errônea por grande parte da população, como disseram Paim *et. al.* (2016).

Os glicocorticoides são importantes hormônios de estresse e, quando administrados em doses supra-fisiológicas, exibem também efeitos anti-inflamatórios, antialérgicos e antirreumáticos terapêuticamente úteis apontam Simon, Cabral e Sousa (2011). Um exemplo

são as injeções contendo uma associação de ésteres de betametasona com efeito anti-inflamatório, marca de referência DIPROSPAN, que é muito utilizada nas dores das articulações. Mesmo sendo proibida sua aplicação sem a apresentação de receita, muitas pessoas adquirem essas injeções e fazem aplicação domiciliares, com amigos ou parentes que tem prática na administração de injetáveis.

Através dos benefícios dos analgésicos, dificilmente quem tem uma dor de cabeça, cólicas intestinais ou menstruais irão procurar uma unidade de saúde para tratar tais sintomas. Paim et. al. (IDEM) continua dizendo que as grandes filas nos serviços de saúde e as dificuldades financeiras para pagar atendimento particular, o uso de receitas antigas e doação de algum medicamento induzem essa automedicação.

2.2 Farmacocinética e Dinâmica dos Analgésicos

Os analgésicos são grupos de medicamentos mais frequentemente usados para práticas de automedicação, o que contribui para o seu uso em excesso como se pode verificar no Quadro 1 a seguir. Os AINEs são analgésicos altamente eficazes por possuírem potente atividade anti-inflamatória, analgésica e antipirética, e estão, de acordo com Abdu-Aguye, Shehu e Ahmad (2017), entre os fármacos mais utilizados em todo o mundo. A aspirina (ácido acetilsalicílico), criada em 1899, foi o primeiro dos AINEs e, inicialmente, não se referia a um agente anti-inflamatório. Com o advento da cortisona, em 1949, que demonstrou que os corticosteróides tinham propriedades anti-inflamatórias e o termo “anti-inflamatório não esteróide” foi usado pela primeira vez quando a fenilbutazona foi introduzida três anos depois, consoante Hart e Huskisson (1984).

Quadro 1. Principais grupos de analgésicos e seus respectivos princípios ativos e efeitos no corpo humano.

Classificação	Princípio ativo	Indicação
Analgésico não opioide	Dipirona	Dores fracas, moderadas ou fortes
	Acetaminofen	
	AAS	
	Paracetamol	
AINEs	AAS	Patologias dolorosas e inflamações crônicas
	Diclofenaco	
	Indometacina	
	Ibuprofen	
Opioide fraco	Codeína	Dores moderadas
	Cloridrato de Tramadol	
	Morfina	
	Fentanila	

Opioide potente	Petidina	Dores intensas
	Buprenorfina	
	Nabufina	
	Metadona	
	Oxicodona	
Adjuvante	Anticonvulsivante	Alívio de dores e tratamentos específicos
	Antidepressivo	
	Neuroléptico	
	Benzodiazepírico	
	Anticolinérgico	

Fonte: Adaptado de Lobo, Marra e Silva (2007).

Um dos principais mecanismos de ação dos AINES é a inibição da ciclo-oxigenase (COX), enzima responsável pela biossíntese das prostaglandinas e do tromboxano. Existem duas isoenzimas COX. A COX-1, que é constitutiva e produz prostaglandinas que protegem o estômago e os rins de danos, enquanto a COX-2 é induzida por estímulos inflamatórios, como citocinas e produz prostaglandinas que contribuem para a dor e o inchaço da inflamação. Assim, os inibidores seletivos de COX-2 devem ser anti-inflamatórios sem efeitos colaterais nos rins e no estômago. Inibidores seletivos de COX-2 podem ter outros efeitos colaterais e talvez outro potencial terapêutico. A conhecida ação protetora da aspirina no câncer de cólon pode ser por meio de uma ação sobre a COX-2, que se expressa nessa doença, segundo Vane e Botting (1998).

Os opioides, fármacos para o tratamento da dor de moderada a forte intensidade, atuam em receptores específicos que, ao serem ativados, interferem na transmissão de impulsos dolorosos. Além disso, exercem efeitos inibitórios no encéfalo. Os receptores opioides estão presentes também no sistema nervoso periférico, ao serem sintetizados na medula espinhal são transportados aos terminais periféricos dos neurônios, contribuindo no controle da dor como apontam Flores, Castro e Nascimento (2012).

2.3 A Mídia Versus o Uso de Analgésicos

Um importante aspecto a favor do consumo de analgésicos é a publicidade veiculada na mídia geral pela indústria farmacêutica, segundo Naves *et. al.* (2010). Em virtude da facilidade em acessar informações via redes sociais, televisão e até mesmo rádio, importante via de comunicação em algumas regiões, a população torna-se conhecedora dos medicamentos os quais fará uso de forma autônoma e frequente. Uma vez que, como disseram Junior, Oliveira e Amorim (2022), parte-se do pressuposto de que as propagandas oferecem informações rápidas

e podem levar a população a associar os benefícios do medicamento com os seus sintomas e não com a necessidade de buscar orientação adequada.

As indústrias farmacêuticas têm investido na propagação dos medicamentos visando o grande potencial de vendas do produto e as redes sociais têm sido utilizadas com o intuito de divulgá-los. Um estudo realizado no Brasil avaliou como as pessoas são influenciadas digitalmente para o uso de analgésicos e verificou-se que as redes sociais têm papel importante na disseminação do uso de medicamentos. O *Instagram* se tornou uma rede muito utilizada por jovens, mas alcança grande parte de todas as faixas etárias e um percentual de mais de 20% das pessoas conheceram algum desses medicamentos por essa via, principalmente analgésicos. É por lá que as empresas buscam pessoas que recebem para divulgar produtos e isso inclui também os medicamentos, como consta em Wolff e De Peder (2021).

O *WhatsApp* é um veículo de divulgação muito utilizado por drogarias o que facilita o acesso a compra dos medicamentos. Acredita-se que a ferramenta contribua com cerca de 15% no incentivo do consumo de analgésicos. Essas indicações podem ocorrer tanto por meio de recomendações de amigos quanto por meio de divulgações realizadas pelas próprias empresas que comercializam os medicamentos. As redes de televisão abertas estimulam as vendas em 14,95%, de acordo com o estudo, pois é um meio muito utilizado pelas indústrias farmacêuticas por ter um grande alcance a população, conforme apontam Wolff e De Peder (2021).

Com o objetivo de promover informações seguras à população, evitando o uso indiscriminado de medicamentos, através da RDC n°102 de 30 de novembro de 2000 a ANVISA aprovou o regulamento sobre propagandas, mensagens publicitárias, promocionais voltadas ao comércio desse tipo de produto. Dentre as normas, podemos citar: necessidade de apresentar o nome comercial do medicamento com o número de registro do órgão, nome do princípio ativo, possuir advertências que deixem claro a necessidade de avaliação por um profissional médico em casos de persistências dos sintomas. Essa resolução também visa punir os responsáveis legais quanto à comercialização dos medicamentos caso os mesmos promovam de forma errônea sua divulgação sem cumprir os critérios permitidos por lei. (BRASIL, 2000).

2.4 Importância do Farmacêutico no Combate ao Uso Excessivo de Analgésicos

Ao sentir uma dor de dente ou de cabeça, é normal recorrer a um analgésico para amenizar o desconforto causado pela dor, já que não é algo que dê para esperar, contudo, é de suma importância, assim que possível, procurar um atendimento odontológico para sanar a

causa dessa algia. Muitos problemas de saúde têm a dor como termômetro que avisa quando alguma coisa não vai bem, lembram Fernandes e Cembranelli (2015).

O farmacêutico tem a atribuição de conversar com os clientes que vão ao seu local de atuação para buscarem juntos o motivo do sintoma. Através de uma anamnese é possível chegar as causas da dor e, desta forma, orientar o paciente para que ele possa procurar um atendimento especializado, uma vez que tomar um simples analgésico pode mascarar uma patologia grave.

As drogas classificadas como MIPs podem ser facilmente adquiridas nas drogarias e, muitas vezes, estão disponíveis ao acesso livre dos clientes, os quais podem escolher o que levar e dirigirem-se ao caixa para pagamento, de acordo com Souza et. al. (2008), isto reforça a prática da automedicação tão comum entre a população brasileira.

O organismo tem formas de enviar sinais de que algo não está bem e a dor é um dos sinais mais comuns, portanto não se deve considerá-la como uma patologia, mas como um aviso para buscar orientação especializada, o que pode ser orientado pelo farmacêutico que é o mais capacitado para tanto. No entanto, segundo Fernandes e Cembranelli (2015), é importante destacar que o farmacêutico deve sempre instruir quanto a procura por atendimento médico.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de aspecto descritivo, que tem por finalidade verificar os efeitos do uso excessivo de analgésicos pelas pessoas. Após consultar os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e os *Medical Subject Headings* (MESH terms), foram utilizados os seguintes descritores combinados com operadores booleanos: *drug abuse OR automedication AND analgesic*.

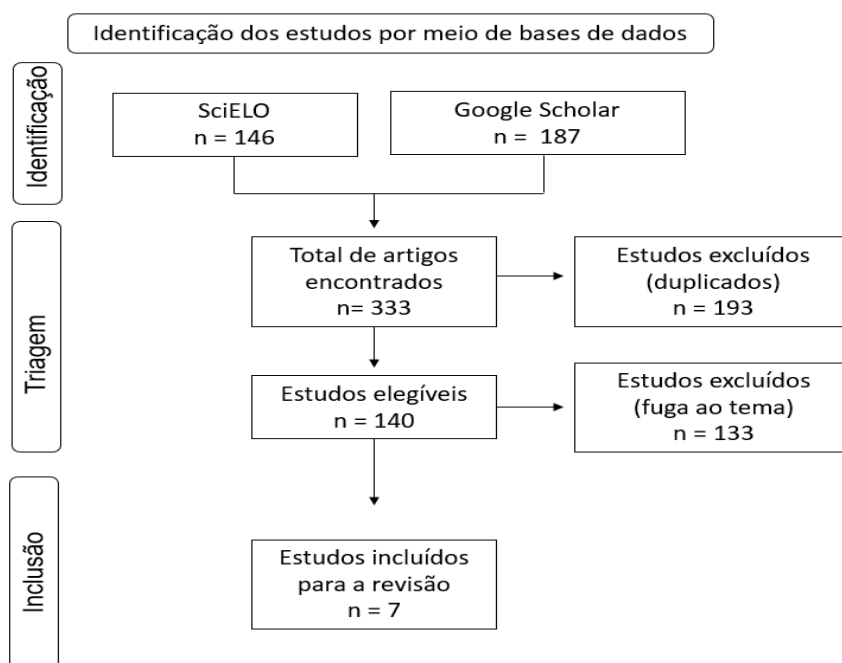
Para iniciar a busca dos artigos, empregou-se a base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *PubMed* e *Google Scholar*, a partir dos descritores supracitados, foram selecionados trabalhos publicados no período entre 2013 e 2023. Em todas as bases de dados foram aplicados os filtros “ensaios clínicos” e “período de publicação (últimos 10 anos)” para refinar as buscas. Após filtradas as buscas, os trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e publicações em congressos científicos foram excluídos.

Concluída a busca dos artigos, os que estavam em duplicata foram excluídos e realizou-se a leitura prévia dos títulos, excluindo aqueles que não tratavam sobre o tema em questão. Em seguida, foi feita a leitura dos resumos dos artigos a fim de analisar se todos eles eram estudos em humanos e sobre o uso abusivo de analgésicos e seus efeitos na saúde. Foram considerados

todos os tipos de analgésicos.

Por fim, os artigos que restaram foram lidos na íntegra para verificar se as metodologias usadas eram de qualidade e se os resultados eram expressos de forma clara. Dos artigos analisados, sete correspondiam ao que se esperava. A Figura 1 apresenta de forma esquemática, o processo de busca dos estudos do presente trabalho.

Figura 2. Fluxograma da seleção de estudos em base de dados acerca do tema “Efeitos do uso abusivo de analgésicos”.



Fonte: Os autores, 2023.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de serem considerados medicamentos seguros e não precisarem de prescrição médica para serem comercializados, os analgésicos podem causar efeitos adversos no corpo humano, os quais podem estar associados a um risco aumentado dos efeitos adversos gastrointestinais, renais e cardiovasculares. Os analgésicos anti-inflamatórios comumente usados são paracetamol, aspirina, diclofenaco, ibuprofeno e naproxeno.

No entanto, pode haver efeitos colaterais graves, como úlcera péptica, perfuração e sangramento. Certos tipos de analgésicos, se usados simultaneamente em uma determinada dose dentro de um período específico, podem ser contraindicados em um paciente, pois podem

levar a reações adversas graves ao medicamento como sangramento gastrointestinal, segundo Biskupiak *et. al.* (2006).

A prática de se utilizar analgésicos de forma incorreta também pode aumentar o risco de complicações gastrointestinais superiores de três a cinco vezes. Vários estudos mostraram que o uso de inibidores da COX-2 está associado a um menor risco de complicações gastrointestinais. No entanto, eles têm sido associados a um risco aumentado de eventos cardiovasculares graves.

Assim, para Castellsague *et. al.* (2012), a segurança de vários analgésicos deve-se principalmente ao seu perfil gastrointestinal e cardiovascular. Além disso, a dose e a duração do uso de analgésicos, em especial os AINEs, e da medicação concomitante sendo tomada pelos pacientes é um fator importante na determinação dos efeitos adversos como advertem Doomra e Goyal (2020).

O uso indiscriminado de opioides foi verificado por Agra *et. al.* (2018) e Brito *et. al.* (2017) em pacientes oncológicos, destacando o uso comum e excessivo de morfina que é um analgésico eficaz e recomendado para o tratamento da dor relacionada ao câncer, uma vez que a incidência de dor nesses pacientes é prevalente e pode resultar em maior sofrimento psicológico e emocional, em consonância com Schaller, Liedberg e Larsson (2014). No entanto, opioides, em especial a morfina, quando utilizados por um extenso período podem levar à efeitos colaterais, como a constipação intestinal concordam Agra *et. al.* (2018) e Brito *et. al.* (2017).

Agra *et. al.* (2018) relataram que a prevalência da constipação intestinal em decorrência da utilização de opioides foi maior em mulheres com mastectomia, visto que esse procedimento leva a um maior incômodo e dor. A constipação esteve relacionada à diminuição da hidratação oral e à dificuldade quanto à privacidade ao evacuar no hospital. Resultados semelhantes foram observados por Brito *et. al.* (2017) ao concluírem que a prevalência da constipação intestinal em decorrência da utilização de opioides foi maior em mulheres.

O manuseio de opioides em pacientes com câncer foi relacionado à falta de preocupação do paciente e do cuidador em relação ao desenvolvimento de dependência da droga, à tolerância e aos efeitos colaterais desses analgésicos, como demonstrado por Ho *et. al.* (2020).

Além dos efeitos colaterais intestinais verificados com o uso de opioide, efeitos no trato gastrointestinal, com ênfase no estômago também foram verificados por Rankel, Sato e Santiago (2016), uma vez que eles concluíram que adultos saudáveis estão mais propensos ao uso abusivo de anti-inflamatórios, principalmente os AINEs, justificado por dores musculares e de cabeça. De forma geral, conforme aponta Luz *et. al.* (2006), os AINES apresentam um

efeito analgésico satisfatório, fazendo com que a procura por esses fármacos seja cada vez maior.

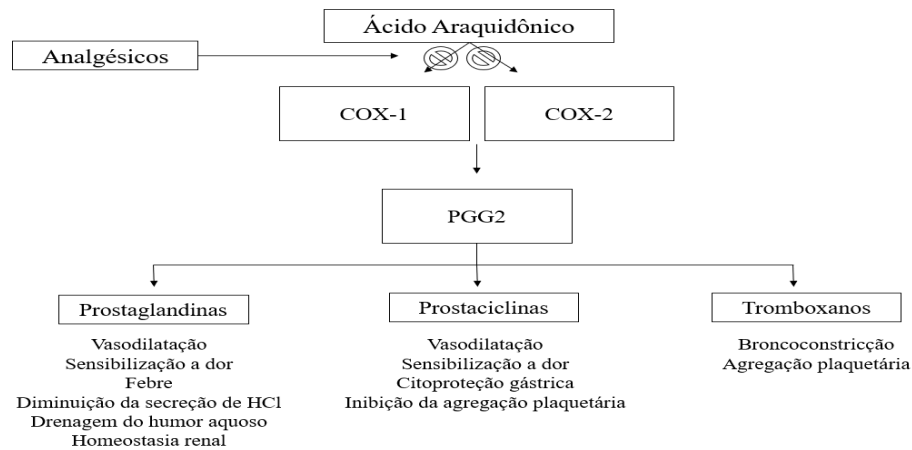
As dores estomacais, relatadas em um estudo realizado por Rankel, Sato e Santiago (2016), podem ser justificadas principalmente devido ao uso de AINEs de forma indiscriminada e sem orientação de um profissional médico ou farmacêutico para orientação correta desses medicamentos. Sabe-se que essa classe de fármacos inibe a produção de ácido araquidônico que interfere na produção de enzima cicloxigenases e afetam a produção de prostaglandinas e prostaciclina, as quais estão ligadas a homeostase e a produção de muco gástrico, responsável pela proteção estomacal, ocasionando o surgimento de úlceras gástricas, refluxos esofágicos e dores abdominais, como disseram Brunton, Lazo e Parker (2007).

O abuso de analgésicos também pode levar a outras consequências. Um estudo realizado na Colômbia por Abraão, Simas e Miguel (2009), demonstrou que o uso indiscriminado de AINES, dipirona, diclofenacos sódicos e potássicos, entre estudantes de graduação, entre eles, levaram a efeitos colaterais como alergias, reações respiratórias, ânsia e vômitos.

Possíveis efeitos tóxicos também podem ocorrer com o uso excessivo desse medicamento. O estudo realizado por Paula, Bochner e Montilla (2012) avaliou as internações de idosos por intoxicação e reações adversas a medicamentos no Brasil e constatou-se que os analgésicos eram responsáveis por 57% das internações de idosos devido aos efeitos adversos. A Figura 2 apresenta os possíveis efeitos do uso excessivo desse medicamento no corpo humano.

Nesse sentido, a ANVISA destaca que há evidências de fármacos utilizados de maneira errônea para dores de cabeça, o que poderia mascarar um problema maior, em casos de pacientes que se automedicam, uma vez que, em alguns casos, a dor é associada a alterações de pressão arterial ou outros fatores que necessitariam de atendimento médico (BRASIL, 2007).

Figura 3. Efeitos do uso excessivo de analgésicos no corpo humano⁸.



Fonte: Os autores, 2023.

Resultados semelhantes foram encontrados por Pegoraro *et. al.* (2019) ao verificarem que os sintomas, que levam ao uso de medicamentos pela prática da automedicação, são dores de cabeça, dores musculares e dores gastrointestinais, tanto em homens quanto em mulheres. Ressalta-se ainda que foram encontrados, nesse estudo, efeitos adversos tais como: gastrointestinais, gastrites ou úlceras e o aumento da pressão arterial.

A dipirona é um dos medicamentos mais utilizados para a analgesia e o uso em excesso pode causar agranulocitose, que é a alteração no sangue identificado como a baixa ou ausência dos leucócitos granulados. O uso do paracetamol em doses maiores pode desencadear efeitos hepatotóxicos, condição que afeta o fígado e ocasiona o mal funcionamento e, em alguns casos, a aplasia medular.

Assim como os relaxantes musculares, também a dipirona pode causar reações adversas se utilizada de maneira irracional, destacando-se seus efeitos hepatotóxicos que são comuns quando utilizada em doses elevadas ou continuamente, em conformidade com Carvalho (2012). É importante destacar que a hepatotoxicidade atribuída ao uso excessivo desses medicamentos pode estar associada também a alguns fatores de predisposição como uso de outros medicamentos que inibem enzimas, jejum prolongado, etilismo, polimorfismo de genes e idade mais avançada, como disseram Torres *et. al.* (2019).

Silva *et. al.* (2019) também verificaram o uso abusivo dos anti-inflamatórios, Ibuprofeno e nimesulida, em estudantes universitários de instituições públicas e privadas, com idades entre 17 e 35 anos. No entanto, a população analisada não relatou efeitos adversos associados ao uso excessivo desses analgésicos, o que pode ser explicado pela idade média dos

⁸ PGG2 ou prostaglandina G2 é um peróxido orgânico pertencente à família das prostaglandinas. O composto se converte rapidamente em prostaglandina H2, um processo catalisado pela enzima COX.

participantes do estudo, sendo a maioria jovens e, portanto, ainda não utilizam o medicamento tão continuamente quando comparado com adultos e idosos. Diferentemente do estudo citado acima, Lundqvist *et. al.* (2019) encontraram efeitos adversos associados ao uso de paracetamol e do ibuprofeno, entre eles: cefaléia e dependência de uso desses medicamentos.

Por fim, o analgésico adjuvante também foi verificado como medicamento usado em excesso, principalmente por graduandos brasileiros, de acordo com Damasceno *et. al.* (2019). O principal efeito adverso encontrado associado ao uso de antidepressivos foi o ganho de peso, que depende do histórico médico e do estilo de vida do paciente, incluindo fatores como tolerância à glicose basal, dieta e prática de exercícios físicos.

A genética também parece influenciar fortemente a predisposição aos efeitos colaterais dos antidepressivos de modo que indivíduos com maiores índices de massa corporal demonstraram ser os que mais tendem a apresentar ganho de peso quando consomem antidepressivos, como apontaram Peixoto *et. al.* (2008).

Portanto, o profissional farmacêutico assume importante papel como orientador e agente sanitário, contribuindo para o uso racional de medicamentos e amenizando problemas relacionados à automedicação de analgésicos, beneficiando toda a população, que, de maneira geral, possui fácil acesso a esses profissionais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, a automedicação e o uso irracional de analgésicos são práticas comuns entre a população brasileira, se tornando uma questão de saúde pública. Dentre os principais riscos do uso excessivo de analgésicos, destacaram-se as alterações no trato gastrointestinal como constipação intestinal e dores de estômago, efeitos tóxicos no fígado e ganho de peso. Essas alterações a longo prazo podem trazer sérias consequências à saúde.

Em relação aos fatores associados à automedicação, foi possível verificar que grande parte das pessoas utiliza analgésicos por relatarem dores de cabeça, dores musculares, febre e cólica, o que pode ser constatado por diversos estudos realizados em vários países do mundo demonstrando a importância e a necessidade de se tomar algumas medidas que possam trazer efeitos de forma positiva.

Diante disso, é importante levar em consideração o papel do farmacêutico sendo o profissional habilitado que, a partir da educação em saúde, está apto a orientar a população desde a bancada da farmácia até as unidades de saúde, aumentando a conscientização da

população, evitando assim, o uso por conta própria dos analgésicos.

Mais estudos são necessários para que se tenha uma maior compreensão dos fatores associados ao uso abusivo dos analgésicos, e assim, facilitar o desenvolvimento de ações mais assertivas, impedindo impactos na saúde populacional.

6. REFERÊNCIAS

AGRA, Glenda *et. al.* **Perfil sociodemográfico, clínico e terapêutico de pacientes com câncer em uso de opioides e com constipação intestinal.** *Enfermagem Brasil*, v. 17, n. 3, p. 218-226, 2018. Disponível em: <https://www.portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/1195>. Acessado em: 20 de março de 2023, às 14h 45min.

ALGHANIM, S. A. *et. al.* **Self-medication practice among patients in a public health care system.** *East Mediterrane Health Journal*, v. 17, n. 5, p. 409-416, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21796954/>. Acessado em: 05 de abril de 2023, às 18h.

ABDU-AGUYE, Samirah N.; SHEHU, Aishatu; AHMAD, Ubaidullah I. **Management of musculoskeletal pain in retail drug outlets within a Nigerian community: a descriptive study.** *Pharmacy Practice (Granada)*, v. 15, n. 1, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28503221/>. Acessado em: 05 de abril de 2023, às 18h 20min.

BRASIL. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária.** Consulta Pública nº 95, de 19 de novembro de 2001. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br>. Acesso em: 20 de março de 2023, às 11h.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.077, de 17 de setembro de 2012.** Institui a Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos no Brasil (PNAUM). Brasília (DF); 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt2077_17_09_2012.html. Acesso em 27 de março de 2023, às 14h.

BRASIL. **Resolução da Diretoria Colegiada nº102, de 30 de novembro de 2000.** Dispõe sobre o regulamento técnico de Propaganda e Publicidade de medicamentos. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2000/rdc0102_30_11_2000_rep.html. Acessado em 30 de junho de 2023, às 22h.

BRUNTON, L.L.; LAZO, J.S.; PARKER, K.L. **Las bases farmacológicas de la terapéutica.** Mc Graw Hill Interamericana, 2007. Disponível em: https://www.academia.edu/42333246/LAURENCE_L_BRUNTON_As_Bases_Farmacol%C3%B3gicas_da_TERAP%C3%A9utica_de_12a_EDI%C3%87%C3%83O. Acessado em 20 de maio de 2023, às 23h 45min.

CASTELLSAGUE, J. *et. al.* **Individual NSAIDs and upper gastrointestinal complications: a systematic review and meta-analysis of observational studies (the SOS project).** *Drug safety*, v. 35, p. 1127-1146, 2012. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23137151/>. Acessado em: 20 de maio de 2023, às 20h.

DAMASCENO, E.M.A. *et. al.* **Riscos do uso de antidepressivos entre jovens universitários da área da saúde.** Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES, v. 2, n. 2, 2019. Disponível em: <http://www.revista.ajes.edu.br/revistas-noroeste/index.php/revisajes/article/view/11>. Acessado em: 18 de abril de 2023, às 20h.

DELGADO, A.F.S.; VRIESMANN, L.C. **O perfil da automedicação na sociedade brasileira.** Revista Saúde e Desenvolvimento, v. 12, n. 11, p. 57-75, 2018. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/950>. Acessado em 19 de abril de 2023, às 09h.

FERNANDES, W.S.; CEMBRANELLI, J.C. **Automedicação e o uso irracional de medicamentos:** o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. Revista Univap, v. 21, n. 37, p. 5-12, 2015. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/265>. Acessado em: 04 de abril de 2023, às 22h 30min.

FLORES, Murilo Pereira; CASTRO, Anita Perpetua Carvalho Rocha de; NASCIMENTO, Jedson dos Santos. **Analgésicos tópicos.** Revista Brasileira de Anestesiologia, v. 62, p. 248-252, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rba/a/jFRMy4hJs8VfPDCC3fTrgdQ/?lang=pt>. Acessado em: 05 de maio de 2023, às 12h.

HART, F. Dudley; HUSKISSON, E. C. **Non-steroidal anti-inflammatory drugs:** current status and rational therapeutic use. Drugs, v. 27, n. 3, p. 232-255, 1984. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/6368185/>. Acessado em 20 de maio de 2023, às 14h.

JUNIOR, Vanilson Silva Costa; DE OLIVEIRA, Ana Lúvia Rodrigues; AMORIM, Aline Teixeira. **Automedicação influenciada pela mídia no Brasil.** Research, Society and Development, v. 11, n. 8, p. e11011830678-e11011830678, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i8.30678>. Acessado em: 05 de maio de 2023, às 21h 15min.

LEITE, S.N.; VIEIRA, M.; VEBER, A.P. **Estudos de utilização de medicamentos:** uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/mGHhJt8TGmFPT4SZwSsqngh/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 10 de abril de 2023, às 21h.

LIMAYE, D. *et. al.* **A systematic review of the literature to assess self-medication practices.** Annals of Medical and Health Sciences Research, 2017. Disponível em: <https://www.amhsr.org/articles/a-systematic-review-of-the-literature-to-assess-selfmedication-practices-3711.html>. Acessado em: 15 de maio de 2023, às 18h.

LOBO, C.; MARRA, V.N.; SILVA, R.M.G. **Crises dolorosas na doença falciforme.** Revista Brasileira de hematologia e hemoterapia, v. 29, p. 247-258, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhh/a/hNzT595wdJwVKWVqgfFrcZD/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 25 de maio de 2023, às 22h 20min.

LUNDQVIST, C. *et. al.* **Severity of analgesic dependence and medication-overuse headache.** Journal of Addiction Medicine, v. 13, n. 5, p. 346, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30724760/>. Acessado em: 18 de abril de 2023, às 15h 50min.

MAZUTTI, A.R. *et. al.* **Fatores associados à automedicação:** Uma análise a partir dos profissionais de drogarias privadas de Gurupi, Tocantins. *Revista Movimenta*, v. 6, n. 1, p. 398-410, 2013. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/movimenta/article/view/6895>. Acessado em: 28 de maio de 2023, às 20h.

MONTASTRUC, J.L. *et. al.* **Pharmacovigilance, risks and adverse effects of self-medication.** *Therapies*, v. 71, n. 2, p. 257-262, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0040595716000317>. Acessado em 27 de abril de 2023, às 13h.

MOYSÉS, D.A. *et. al.* **O papel do farmacêutico no controle, orientação e prevenção da automedicação em idosos:** uma revisão da literatura. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 5, p. e37211528232-e37211528232, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28232>. Acessado em: 01 de maio de 2023, às 11h 15min.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva *et. al.* **Automedicação:** uma abordagem qualitativa de suas motivações. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 1751-1762, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FPDPyz65X6qTGNMHFwrnb8R/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 01 de maio de 2023, às 10h.

PACHELLI, Carlos Alberto. **A propaganda de medicamentos e a prática da automedicação no Brasil.** *Revista de Administração Pública*, v. 37, n. 2, p. 409 a 426-409 a 426, 2003. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6493>. Acessado em: 10 de abril de 2023, às 23h.

PAIM, Roberta Soldatelli Pagno *et. al.* **Automedicação:** uma síntese das publicações nacionais. *Revista Contexto & Saúde*, v. 16, n. 30, p. 47-54, 2016. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/5456>. Acessado em: 12 de maio de 2023, às 17h.

PEGORARO, C.M.R. *et. al.* **Caracterização da prática de automedicação com analgésicos para o tratamento da dor.** In: *Colloquium Vitae*. ISSN: 1984-6436. 2019. p. 85-91. Disponível em: <https://revistas.unoeste.br/index.php/cv/article/view/2437>. Acessado em: 22 de abril de 2023, às 14h.

PIGNARRE, Philippe. **O que é o medicamento?** Um objeto estranho entre ciência, mercado e sociedade. São Paulo: Editora 34, 1999.

RANKEL, S.A.O.; MARCELO DEL OLMO, S.A.T.O.; SANTIAGO, R.M. **Uso irracional dos anti-inflamatórios não esteroidais no município de Tijuca do Sul.** *Visão Acadêmica*, v. 17, n. 4, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/academica/article/view/50205#:~:text=Em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20as%20rea%C3%A7%C3%B5es%20adversas,g%C3%A1strico%20na%20maioria%20dos%20usu%C3%A1rios>. Acessado em: 18 de abril de 2023, às 07h.

RUEDA-SÁNCHEZ, M. **Cefalea por uso excessivo de analgésicos en Bucaramanga,**

Colombia: prevalencia y factores asociados. *Acta neurológica colombiana*, v. 29, n. 1, p. 20-26, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-87482013000100003. Acessado em: 18 de maio de 2023, às 07h 40min.

RUIZ, M.E. **Risks of self-medication practices.** *Current drug safety*, v. 5, n. 4, p. 315-323, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20615179/>. Acessado em: 03 de maio de 2023, às 18h.

SCHWEIM, H.; ULLMANN, M. **Media influence on risk competence in self-medication and self-treatment.** *GMS German Medical Science*, v. 13, n. 7, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26195923/>. Acessado em: 12 de abril de 2023, às 19h 35min.

SILVA, L.S. *et. al.* **Incidência da automedicação no uso indiscriminado de anti-inflamatórios esteroidais e não esteroidais entre universitários de Imperatriz-MA.** *Brazilian Journal of Health Review*, v. 2, n. 2, p. 862-887, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/1235>. Acessado em: 20 de março de 2023, às 12h.

SINOTOX- **Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas.** Disponível em: https://sinitox.icict.fiocruz.br/sites/sinitox.icict.fiocruz.br/files/1-Medicamentos-2_6.pdf. Acessado em 30 de junho de 2023, às 18h.

SIMON, Alice; CABRAL, Lúcio Mendes; SOUSA, Valéria Pereira de. **Desenvolvimento e validação de método analítico por CLAE para a quantificação simultânea de Dipropionato de Betametasona e Fosfato Sódico de Betametasona em suspensão injetável.** *Química Nova*, Rio de Janeiro, v. 35, n.1, p. 593-600, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/VDk7rYdgk44zf8G5SVZkT8w/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 02 de julho de 2023, às 18h.

SOUSA, H. *et. al.* **A importância do profissional farmacêutico no combate à automedicação no Brasil.** *Revista eletrônica de farmácia*, v. 5, n. 1, p. 1-11, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/REF/article/view/4616>. Acessado em: 18 de março de 2023, às 16h 40min.

VANE, John R.; BOTTING, Regina M. **Anti-inflammatory drugs and their mechanism of action.** *Inflammation Research*, v. 47, p. 78-87, 1998. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s000110050284>. Acessado em: 23 de março de 2023, às 17h.

WOLFF, F.N.; DE PEDER, L.D. **A influência das mídias sociais no uso de medicamentos.** *Visão Acadêmica*, v. 22, n. 3, 2021. Disponível em: <https://digitaleditora.com.br/uploads/arquivos/82fb1e480f2f8855361a665885b627aa2412202003153.pdf>. Acessado em: 23 de março de 2023, às 17h 50min.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (1998). **The Role of the pharmacist in self-care and self-medication:** report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist, The Hague, The Netherlands, 26-28 August 1998. World Health Organization. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/65860>. Acessado em: 01 de maio de 2023, às 14h.

Apêndice A**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO**

Eu,

Wilson Pereira da Silva RA 38905

Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO NÃO AUTORIZAÇÃO ()Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: Os Riscos do abuso medicamentoso dosAnalgésicos: Uma Revisão Integrativade autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): Danielle Silva AraújoCurso: Farmácia Modalidade afim TCC

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.

Wilson Pereira da Silva

Assinatura do representante do grupo

Danielle Silva Araújo

Assinatura do Orientador (a):

Goiânia, 30 de Junho de 2023.